

Cavallo desaconselha a dolarização no Brasil

SÉRGIO LÉO
Enviado especial

LAS LEÑAS, Argentina — Apesar para a dolarização da economia, no Brasil, seria um erro. Quem diz isso é o próprio pai do plano econômico argentino, Domingo Cavallo, que há mais de uma semana vem conversando com o ministro da Economia do Brasil, Marcílio Marques Moreira. Nos últimos dias, os dois estiveram juntos numa reunião de ministros da economia latino-americanos, na Venezuela, num encontro com o Secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, em Washington, e na reunião do Mercosul.

— O sucesso argentino se baseou no trabalho que antecedeu o plano, de profundo saneamen-

to nas finanças públicas e geração de superávits primários — disse Marcílio, confirmando a avaliação de Cavallo, que desaconselha a dolarização no Brasil. Na Argentina, a inflação caiu de 200% para 0,7% mensais. No atacado, o índice está em 0%.

— O que fizemos para vencer a inflação não foi uma dolarização, mas equilibrar o orçamento público — explica Cavallo, que resume sua fórmula numa frase simples: “Para cada peso que sai dos cofres do Governo, um tem de entrar.” Cavallo recebeu carona de Marcílio para a viagem à Venezuela, há duas semanas, e retribuiu levando-o a Las Leñas. Ele queixou-se da excessiva ênfase dada ao termo “dolarização” no Brasil, quando é citado o plano argentino.

— Só fiz o plano quando estive plenamente seguro de que o or-

camento estava perfeitamente equilibrado — comentou.

Marcílio falou a Cavallo das dificuldades para bancar a reforma fiscal. O ministro argentino acredita que teve mais facilidade “porque a sociedade argentina estava traumatizada pela hiperinflação”. Ele disse que o dólar funciona como uma âncora para o peso, impedindo a emissão descontrolada e dando credibilidade à moeda. O Governo não pode emitir mais pesos que os dólares de suas reservas.

Cavallo disse que a vinculação do peso ao dólar inverteu o comportamento dos argentinos, que antes recusavam o peso e só queriam a moeda americana. Mas reafirmou que a dolarização, sem um prévio e profundo ajuste nas contas do Governo, seria catastrófica.